

Opinião



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES

osdiasdasemana@gmail.com

MARIA DO CÉU NOGUEIRA

OS DIAS DA SEMANA

Lucrar com os tiroteios

“Foi o dia mais difícil da minha Presidência”. A declaração de Barack Obama demonstrava a dimensão da tragédia ocorrida no dia 14 de Dezembro de 2012 na escola primária de Sandy Hook, no estado do Connecticut, onde um homem, vestindo um colete à prova de bala e armado com várias armas de fogo, entrou para disparar mais de cem tiros e matar 20 crianças e seis adultos. Não faltará, com certeza, quem se recorde da imagem televisiva do Presidente dos Estados Unidos da América sem conseguir conter as lágrimas por essas crianças com idades entre os cinco e os dez anos. Tinham elas, assinalou Barack Obama, “toda a vida à sua frente: aniversários, licenciaturas, casamentos, filhos...”

Perante o que foi imediatamente considerado como um dos piores massacres que o país conheceu, Barack Obama re-

Para os fabricantes de armas, qualquer tiroteio é lucro.

clamou que se controlasse a venda das armas. Poucos meses depois, no dia 18 de Abril, o Senado não foi sequer capaz de aprovar uma daquelas leis suaves que se apresentam para sugerir que alguma coisa irá mudar. A vontade de não perturbar o sossego de uma poderosa associação que defende o livre acesso e utilização de armas, a National Rifle Association (NRA), impediu a entrada em vigor de algo que se afigura básico, o alargamento da verificação de antecedentes criminais de quem pretender adquirir uma arma. Entre os que votaram contra a lei, encontravam-se alguns senadores democratas. A falta de um sinal, ainda que modesto, de vontade de travar as mortandades de ocorrência regular incomodou Barack Obama, que considerou que o Senado lhe tinha proporcionado, talvez, o dia mais frustrante da sua presidência.

“Se uma medida do Congresso pudesse salvar uma pessoa, uma criança, umas centenas, uns milhares, se pudes-

se prevenir que essas pessoas percam a vida no futuro por causa da violência com armas, protegendo ao mesmo tempo os direitos garantidos pela Segunda Emenda, tínhamos a obrigação de tentar. Esta proposta de lei estava à altura desse teste, mas muitos senadores não estiveram”, afirmou o decepcionado Presidente.

A brutalidade regressou, na terça-feira, às grandes manchetes da imprensa. No dia anterior, em Las Vegas, da janela de um quarto de hotel, um indivíduo disparou contra a multidão que assistia a um espectáculo musical, causando cerca de seis dezenas de mortes e mais de 500 feridos. Ninguém se recorda de um tiroteio tão mortífero quanto este nos Estados Unidos da América.

Um título de jornal chamou a atenção para algo bizarro e inquietante. “477 dias. 521 tiroteios em massa. Zero acções do Congresso”, contabilizava o diário *The New York Times*, exibindo um calendário assinalando sinistras ocorrências verificadas desde Junho de 2016. Até agora, não houve um só mês que chegasse ao fim sem menos de cerca de uma dezena e meia de dias com tiroteios em massa (um tiroteio em massa, segundo a caracterização do jornal, envolve quatro ou mais pessoas feridas ou mortas num só incidente, sucedido na mesma ocasião e no mesmo local).

Nem o Congresso faz, nem, desta vez, o Presidente dos Estados Unidos da América quer que se faça. Um tão elevado número de mortos não foi capaz de suscitar no sucessor de Barack Obama a vontade de impedir carnificinas futuras (e o que o homem não barafustaria e ameaçaria se tamanha quantidade de mortes tivesse sido causada por um muçulmano). Contra o *lobby* das armas, nada se move.

“A guerra não é senão comércio”, constatou em certa ocasião o escritor inglês Evelyn Waugh. Para os fabricantes de armas, qualquer tiroteio é lucro.

Nós, no primeiro mundo?

A cabe de ler no Expresso Curto que vai sair uma lei com muitas pesadas para quem deitar lixo e pontas de cigarro nas praias.

É triste que seja precisa a lei, mas se é necessária, peca por vir tarde. É incrível o que acontece neste santo e belo País! Quando sairá ele do terceiro ou quarto mundo em que durante séculos viveu? Não sei. E hoje, como estou triste e deprimida e até zangada, vou pedir que a lei abranja todos aqueles que deitam lixo e piriscas para o chão, qualquer que seja o local por onde andem: praias, praças, largos, avenidas, ruas... E muitas ainda, mas muito pesadas, para todos os que levam o cão à rua e, na passagem, não têm vergonha nem pejo de deixarem os excrementos bem no meio dos passeios. Eu digo isto com enorme dor e revolta. É que eu ando a pé e, como pago as minhas contribuições, tenho o direito de ocupar os passeios – o meio da rua é para os carros, suponho. Mas como, se estes estão todos sujos? Se tenho de ficar marreca de tanto me inclinar para o chão procurando onde colocar os pés?

Mercê de assuntos meus, tenho passado, ultimamente, todos os dias na Rua Direita (que, para não fugir à regra geral, até é torta, o que não me incomoda nada), Cruz de Pedra, Rua Cardoso Avelino até à praça Camilo Castelo Branco. Isto tudo na freguesia de Maximinos. Pois bem, não podem calcular a quantidade de cocó de cão, de pontas de cigarro, de papéis, latas vazias de refrigerantes e cerveja, garrafas de plástico, etc, que encontro no meu percurso. A rua Direita é estreita, quase sempre com carros estacionados de um dos lados. Os passeios, além de irregulares, são estreitíssimos e o cocó lá está, ou já calcado ou ainda muito direitinho, esperando que alguém o calque. E os passantes? Pelo meio da rua ou, como eu, curvados, à procura de espaço limpo para pôr os pés?

Na passada quarta-feira reparei num receptáculo de colocar o lixo estroncado e o seu conteúdo espalhado pelo chão. Ontem foi feriado, bem sei. Hoje, ao passar, reparei que tudo continuava na mesma: o receptáculo estragado e o lixo no chão. Eu, se morasse lá perto, já o tinha varrido, embora concorde que

ninguém tem essa obrigação, já que pagamos e bem, as tarifas do lixo. A praça Camilo Castelo Branco até tem um relvado com aparelhos, suponho, para desportistas. Nunca lá vi ninguém, apenas lixo pelo meio da relva e junto ao passeio. Coitado do Camilo! Vale-lhe ser cego e, enfim, já por cá não andar, mas apesar disso merecia mais respeito, ou não fosse ele um dos grandes da nossa Literatura.

Então, para esta gente desinteressada do civismo, da higiene, da preservação do ambiente, desinteressada dos outros que não sejam eles próprios, para esta gente que continua a não querer sair do terceiro ou quarto mundo em que vive, que fazer senão a aplicação de uma multa?

Toda a gente na cidade sabe que em véspera de feriado, à noite, não passa o carro do lixo. Mesmo assim, eu encontro sempre, na caixa do correio, um aviso da Agere. Eu e todos os demais. Pois na quarta-feira, quem passasse nas ruas via por todo o lado sacos de lixo, na beira do passeio ou encostados às árvores. Puseram-nos sabendo perfeitamente que ali ficariam, à mercê da bicharada, até à noite do dia seguinte. Isto aguenta-se? Não, acho que não. Todos temos direito a uma cidade limpa e todos temos obrigação de denunciar casos destes. Quem não denuncia, é porque concorda ou, então, acha mal, mas como não é nada com ele... deixa andar. Eu estou cansada de deixar andar. É que isto de deitar lixo para o chão, só não vê quem não quer ver, está a tornar-se uma praga! A entrada da Biblioteca Lúcio Craiveiro da Silva é o local escolhido pelos jovens que para lá vão estudar, para satisfazerem o viciozinho e, cigarro fumado, ponta para o chão. E, pasmem, mesmo junto deles, alguns até nele se apoiam, está um enorme cinzeiro, um cinzeiro gigante! Uma vez que eu ia a sair da Biblioteca, olhei, varada, para o chão e disse-lhes: “acham bem isto? Não está aí um cinzeiro? Agora vou com pressa, mas para a próxima que veja este chiqueiro, vou buscar uma vassoura e obrigo-vos a varrer ou varro eu mesma!” Ficaram atrapalhados, sorriram, pediram desculpa. Aprenderam? Não completamente. Com menos intensidade, mas na entrada da Biblioteca ainda aparecem sempre algumas piriscas.